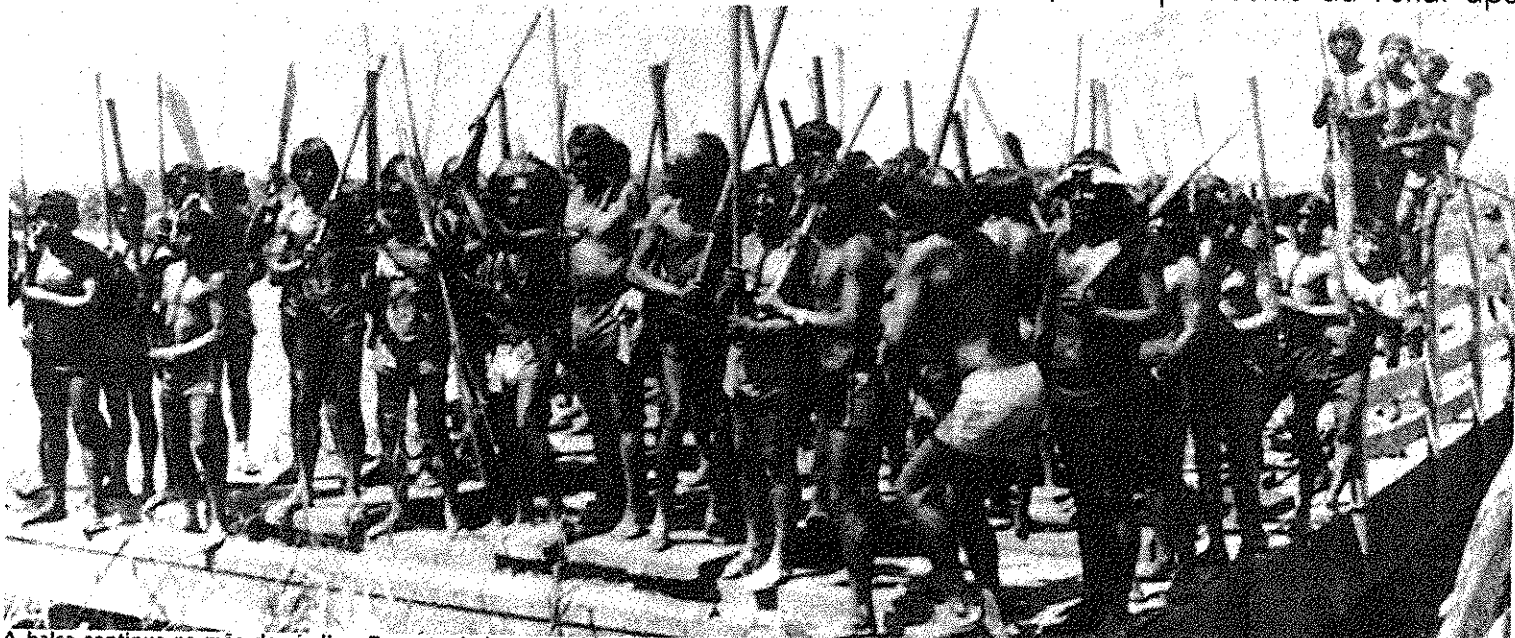


# Xingu: revolta contra a Funai.

Os índios garantem que, por enquanto, não atacam os fazendeiros. Mas, se o presidente da Funai aparecer...



A balsa continua na mão dos índios. E a estrada interrompida.

Sérgio Borges

Os índios txucarramae cortaram, ontem, qualquer possibilidade de diálogo com o presidente da Funai, Otávio Ferreira Lima, e passaram a exigir o seu afastamento da direção do órgão. O cacique Raoni, acompanhado de 50 guerreiros, está escondido na mata, na margem direita do rio Xingu, para evitar o restabelecimento do tráfego da rodovia BR-080 ou qualquer invasão no parque, enquanto na aldeia, em estado de guerra, outros 150 guerreiros txucarramae que receberam reforços de índios suiá, kaiabi, krenhacarore, juruna, txicão e trumai afirmam que só vão liberar a balsa e o diretor do parque do Xingu, Cláudio Romero, depois da demissão do presidente da Funai.

Os índios, que ainda estavam aceitando ontem a intermediação da Polícia Federal para o recebimento de medicamentos e mantimentos, decidiram também cortar esse contato, permitindo apenas a presença de jornalistas, que foram recebidos durante uma hora em Kretire, dentro de um clima de forte tensão. O comandante-geral da Polícia Militar do Mato Grosso, coronel José Silveira, ao tomar conhecimento da posição dos índios, através dos jornalistas que estiveram na aldeia, decidiu retornar a Cuiabá, onde manterá contato com as autoridades do governo do Estado para discutir o impasse. O coronel garantiu que por enquanto não está em cogitação uma intervenção militar no parque do Xingu, embora esta ação esteja prevista no Estatuto do Índio. "Vamos continuar tentando dialogar com os índios" — afirmou, salientando que a rodovia não poderá ficar por muito tempo interdita, pois ela é estratégica para a região.

Os índios voltaram a garantir que não vão atacar, pelo menos por enquanto, as fazendas da região, destacando que a briga deles é com o presidente da Funai. Eles garantem, no entanto, que, se o presidente do órgão não for substituído e não sair a demarcação da área que eles pleiteiam, a partir de maio, os próprios txucarramae, com o apoio de outros índios do Xingu, vão iniciar por conta própria a demarcação da área, abrindo uma picada na mata. "Se não

formos atendidos — afirma Cuiuci, cacique suiá — vamos demarcar não somente os 15 quilômetros ao longo da estrada, mas sim 40 quilômetros. Antes disso, vamos conversar com os fazendeiros para eles saírem, mas se não der certo, vamos invadir as fazendas." Alguns índios mais jovens chegaram a falar em invadir e queimar o povoado de São José do Xingu, caso a Funai continue insistindo em manter seus aviões e observadores no local, mas esta possibilidade não chegou a ser levantada pelos chefes das tribos que estão no Kretire.

Durante a visita dos jornalistas à aldeia os índios não permitiram que fosse feito nenhum contato com o diretor do parque, que eles mantêm retido na área junto com outros funcionários da Funai que trabalham no posto. Ele, no entanto, pode ser visto e parece bem.

Todos os chefes presentes pediram a

saída do presidente da Funai, entre eles Cuiuci, da tribo Suiá; Krumari, txucarramae da aldeia Jarina; Jrumo, kaiabi; Sabino, também kaiabi e Ararapó, índio trumai. "O presidente nos traiu — disseram — pois fez reunião com fazendeiros em Brasília e não aceitou discutir com a gente aqui a demarcação de nossas terras. Marcamos um encontro com ele no último dia quatro e todos deixaram suas roças em tempo de colheita. O presidente da Funai tratou os caciques e líderes que são chefes de nações indígenas, como se fossem crianças, sem nenhum respeito, desmarcando a reunião sem a necessária antecedência."

Foi este o motivo da revolta de toda a comunidade — explica Cuiuci. — E foi por este motivo que tomamos a balsa, interrompendo a estrada que corta o parque. O índio txucarramae Moicara disse que estava em Goiânia quando soube da reunião de Fer-

reira Lima com os fazendeiros e ficou muito revoltado. Ele não aceitou falar com os índios, mas apenas com os fazendeiros. Não temos mais confiança nele e, por isso, só aceitamos agora conversar com um novo presidente.

Os índios não aceitam o argumento apresentado pelo assessor do presidente da Funai, coronel Ércio Soares, observador da Funai em São José do Xingu, de que o presidente do órgão não foi à reunião do Kretire porque não queria sofrer constrangimento, uma vez que o clima, mesmo para esta reunião, já estaria muito tenso. "Nos fomos recebê-lo com muita festa" — garantiu Moicara. "Ele seria tratado com respeito. O que não queríamos era que ele mandasse apenas um empregado da Funai em seu lugar, pois aqui estavam reunidos chefes de tribos."

A irritação dos índios cresceu ainda

mais na quinta-feira, quando eles receberam a mensagem da Funai propondo um encontro com Ferreira Lima em local neutro, provavelmente Cuiabá. Foi a partir desse momento que eles decidiram romper com todos os entendimentos, inclusive com o contato que estava sendo feito através dos quatro agentes da Polícia Federal. Na quarta-feira, antes de receberem, através do índio Megaron, que esteve em São José do Xingu, a nova proposta da Funai, os índios chega am a concordar com a ida dos federais à aldeia, acompanhados dos jornalistas que aguardavam no povoado uma autorização dos índios para o pouso. O coronel Ércio Soares, no entanto, achou desaconselhável o deslocamento dos agentes federais. Com isso, além dos funcionários retidos no posto Kretire, não há mais um branco na área conflitada, e os índios comunicaram aos jornalistas que qualquer avião que descer na aldeia ficará retido.

Quanto a uma ida de Ferreira Lima à aldeia agora, os índios disseram que ele seria punido. Krumari, mais exaltado, deixou a borduna de lado e, tirando da cintura uma faca, afirmou: "Se ele vier aqui, será morto com uma faca de branco". Os jornalistas puderam ficar na aldeia durante uma hora. Alguns índios, especialmente os mais jovens, pareciam mais exaltados e também irritados com a presença de brancos no local. Quando os aviões pousaram — eram três ao todo —, eles logo cercaram os aparelhos e perguntavam agressivamente se eles transportavam algum funcionário da Funai.

O coronel Ércio Soares afirmou, de sua parte, que acredita na interferência de "inspirações estranhas" na crise que envolve os txucarramae e ele acha que os próprios índios já estão divididos em relação ao encaminhamento da crise. Alguns deles, estariam dispostos ainda a dialogar com a Funai. O coronel não quis denunciar nomes de pessoas que estariam estimulando o conflito na área, mas fez críticas à ação de algumas entidades ligadas à causa indígena, afirmando que elas agem de forma "muito apaixonada".

Eliana Lucena, enviada especial.





O número de índios que interdita a BR-80 no Mato Grosso e exige a presença do presidente da Funai aumentou (a polícia do Estado fala em 200 índios). Eles estão pintados para a guerra, armados de bordunas e flechas (a polícia diz que eles têm revólveres). Sessenta PMs protegem a população. Pág. 11.